

Entre a Universidade e a Maternidade: um Estudo com Mães Acadêmicas do Ensino Superior

Between University and Maternity: a Study With Academic Mothers in Higher Education

Nazilene Oliveira da Silva^a; Daniel Cerdeira de Souza^{*b}

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Natureza e Cultura, Curso de Pedagogia. AM, Brasil.

Universidade Federal do Amazonas. AM, Brasil.

*E-mail: dancerdeira01@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender os desafios da trajetória acadêmica de mulheres mães estudantes do ensino superior no interior do Amazonas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde onze mulheres foram entrevistadas. Os dados foram analisados por meio do procedimento de Análise Temática. Como resultados, construímos quatro temas: 1) Formação universitária e maternidade; 2) Conciliação entre maternidade e universidade; 3) Autopercepção das mulheres; 4) Redes de apoio externas para a mãe universitária, onde discutimos que o exercício da maternidade durante a formação acadêmica divide o tempo e a atenção de mães universitárias entre o cuidar e o estudar, e que essa divisão acarreta danos a sua trajetória acadêmica e traz fortes impactos emocionais. Nesta pesquisa, as redes de apoio foram essenciais para o avanço acadêmico e se constituíram quase que exclusivamente por outras mulheres, onde a figura paterna se absteve da responsabilidade de cuidar. Observamos ainda que estas mães vivenciam sentimentos ambíguos ao mesmo tempo em relação à maternidade e que a universidade ainda precisa de sérios avanços em direitos sociais para garantir não somente o acesso, mas também a permanência e sucesso acadêmico de mulheres que sejam mães. Concluímos que as mulheres participantes desta pesquisa vivenciam diariamente desafios múltiplos relacionados a intersecção maternidade/universidade, o que torna sua formação muito mais difícil.

Palavras-chave: Maternagem. Desigualdade de Gênero. Formação Acadêmica.

Abstract

The study's objective was to understand challenges of the academic trajectory of female mothers studying higher education in the interior of the State of Amazonas, Brazil. Methodologically, this is a qualitative research, where eleven women were interviewed. The data were analyzed using the Thematic Analysis procedure. As results, we constructed four themes: 1) University education and motherhood; 2) Conciliation between maternity and university; 3) Women's self-perception; 4) External support networks for university mothers, where we discuss the exercise of motherhood during academic training divides the time and attention of university mothers between caring and studying, and that this division causes damage to their academic trajectory and brings strong emotional impacts. In this research, support networks were essential for academic advancement and were made up almost exclusively of other women, where the paternal figure abstained from the responsibility of care. We also observed that these mothers experience ambiguous feelings at the same time in relation to motherhood. The university still needs serious advances in social rights to guarantee not only access, but also the permanence and academic success of women who are mothers. We conclude that the women participating in this research experience multiple challenges daily related to the motherhood/university intersection, which makes their studies much more difficult.

Keywords: Mothering. Gender Inequality. Academic Education.

1 Introdução

Piccinini *et al.*, (2008) explica que o processo da maternidade começa na gravidez, de modo que a gestação pode ser um momento de preparo holístico para a função materna, onde ocorrem diversas mudanças biológicas, sociais e psicológicas na vida das mulheres. Badinter (1985) explica que durante a idade média, a maternidade era entendida a partir de um viés de desvalorização, devido a ênfase social no poder paterno e na autoridade masculina em âmbito marital. Moura e Araújo (2004) explicam que esse quadro começa a sofrer mudanças durante o século XIX, onde a infância começa a ser objeto privilegiado de atenção social e por consequência disso, a maternidade passa a ter novos significados, onde a mulher começa a ser dotada de

responsabilidades, respeitabilidade e poderes diante da vida doméstica, mas nunca transcendendo essa esfera. As autoras explicam ainda que na contemporaneidade, observa-se que a performatividade no cuidado dos filhos tornou-se quase que exclusivo das mulheres, de modo que estas devem ser uma forma de “mãe-moral”, como sendo um modelo moral a ser seguido por seus filhos e maridos.

As lutas feministas por direitos das mulheres causaram diversas modificações nas relações sociais, mesmo que não se possa dizer que atualmente exista equidade de gênero entre homens e mulheres (Pinto, 2010). De acordo com Butler (2003), o gênero produz a falsa noção de estabilidade no qual a matriz heterossexual está amparada e essa manutenção se dá através da performatividade, ou seja, pela repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a

construção dos corpos masculinos e femininos de forma binária como nós os vemos atualmente. A performatividade de gênero fez com que mulheres fossem restringidas ao espaço doméstico, tendo negado o acesso a espaços sociais como a universidade e ainda hoje os desafios de permanência e sucesso acadêmico para mulheres são múltiplos, de modo que estas precisam se esforçar muito mais para conseguir se formar e ingressar no mercado de trabalho devido a demandas relacionadas as performatividades de gênero e um desses desafios é justamente o da maternidade (Barros; Mourão, 2018).

Mulheres que se tornam mães durante a jornada universitária passam a vivenciar diversos dilemas pessoais e sociais (Barreto, 2015), pois ao passo em que mulheres conquistam espaço na sociedade, tais conquistas não ocorrem sem o acúmulo de funções a partir do cumprimento de duas ou mais jornadas de trabalho e a sobrecarga aumenta quando estas se tornam mães (Pessanha, 2023). A partir disso, o objetivo deste trabalho foi compreender os desafios da trajetória acadêmica de mulheres mães estudantes de uma instituição de ensino superior no interior do Amazonas.

Compreendemos a universidade como um espaço de formação que influencia a sociedade e transforma vidas, possibilitando formação humana crítica através de atividades de ensino, pesquisa e extensão, formação essa que impulsiona a classe trabalhadora a ascensão social (Farber, 2012). Historicamente, no Brasil, a possibilidade de frequentar a universidade era restrito aos homens da elite social financeira e as mulheres só alcançaram esse direito em torno de 1800, sendo que as justificativas para o não acesso a tais instituições eram atribuídas as performatividades de gênero, a partir das funções atribuídas à mulher, como o cuidar da família e ao processo de reprodução, visto que no Brasil império, as mulheres por obrigação deviam ser persuadidas e obedientes aos homens, independente da classe social (Aranha, 2006).

Ao longo dos anos, a partir das conquistas de direitos sociais, o acesso de mulheres à universidade vem proporcionando uma nova roupagem do perfil universitário, de forma que elas são hoje a maioria das estudantes de ensino superior no Brasil (Barros; Mourão, 2018). Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP, 2022), mostram que no ano de 2022 as mulheres matriculadas no ensino superior em instituições como universidades, faculdades, centros universitários e institutos federais corresponderam a um total de 2.938.457, e o total de concluintes mulheres no mesmo ano foi de 484.869. Essa mudança possibilita a mulheres a independência social e financeira, dando-lhes a possibilidade de ser provedora de si e de sua família (Meneses; Resende; Gonçalves, 2022).

Mas se por um lado, o acesso à universidade foi uma conquista histórica, apresentam-se novos desafios, como a permanência e o sucesso acadêmico. Acadêmicas do ensino superior que são mães muitas vezes têm dificuldade para receber apoio em sua trajetória acadêmica, o que causa uma sensação de desamparo e dificulta a caminhada na carreira (Silva; Utiyama, 2003). Pode-se inclusive compreender a existência de um certo conflito entre maternidade e os estudos universitários, que se manifestam pelo tempo destinado

às duas atividades, pois tornar-se ou já ser mãe durante o processo acadêmico é vivenciar um processo limitante dentro do espaço acadêmico (Cabeza; Martínez; Sanz, 2016).

O estudo de Brito (*et al.*, 2021) explica que a dupla função explicitada na relação maternidade/universidade traz limitações ao desempenho e comprometimento acadêmico, o que pode ter impacto no que diz respeito ao adiamento da formação e posterior inserção no mercado de trabalho para mulheres. O adiamento das atividades universitárias por conta da maternidade também é relatado por Urpia e Sampaio (2011), adiamento esse que pode chegar a evasão acadêmica se a universitária não obtiver uma rede de suporte para lidar com os desafios da posição da maternidade.

Pessanha (2023) explica que as mulheres-mães-acadêmicas enfrentam muitos desafios para conciliar a maternidade com a graduação e/ou pós-graduação e que carecem de políticas públicas que propiciem uma passagem menos traumática por essas formações. Dentre as políticas acadêmicas que precisam de melhorias para dar suporte a essas mulheres, se destacam: aumento de creches universitárias, flexibilidade na entrega de trabalhos acadêmicos, disponibilização de informações sobre licença-maternidade, extensão da licença-maternidade para a continuidade da amamentação, licença-maternidade diferenciada para mães de bebês prematuros e capacitação de professores universitários. Dessa forma, a pergunta que norteia essa pesquisa é: quais os desafios da trajetória acadêmica de mulheres-mães-estudantes de uma instituição de ensino superior no interior do Amazonas?

2 Material e Métodos

A pesquisa foi de abordagem qualitativa, onde trabalhamos com significados, que são conceitos sociais construídos na relação que o sujeito mantém com o meio em que está inserido, sendo compartilhados por um grupo, funcionando como uma perspectiva coletiva (Bock; Gonçalves, 2009). O local da pesquisa foi a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que foi criada em 12 de junho de 1962, pela Lei Federal 4.069-A, mas só recebeu a denominação de “Universidade Federal” em 2002, por força da Lei 10.468. A UFAM tem como objetivo o desenvolvimento humano e tecnológico, através do ensino, extensão e pesquisa em todas as áreas do saber, contemplando ampla produção e divulgação científica, técnica e cultural. O lócus específico da pesquisa foi o Instituto de Natureza e Cultura (INC/UFAM), localizado no município de Benjamin Constant/Amazonas. A direção do INC autorizou a pesquisa através de um Termo de Anuência.

As participantes foram mulheres acadêmicas do ensino superior que são mães. Foram alcançadas 11 participantes voluntárias e a construção dos dados foi encerrada a partir da saturação destes. Segundo Minayo (2017), a saturação refere-se a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado, ou seja, quando os objetivos da pesquisa são atingidos ou as falas das participantes começarem a se repetir, a coleta de dados é encerrada. Os pesquisadores adentraram as salas de aula e os espaços de convivência da universidade e realizaram o convite as participantes. Aquelas que aceitaram receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre

Esclarecido (TCLE) para terem ciência da pesquisa e seus objetivos. Como critérios de inclusão foram consideradas as acadêmicas mulheres que sejam mães, maiores de 18 anos, estudantes do INC da UFAM. Já como critérios de exclusão, foram adotados os seguintes fatores: ter algum transtorno neurológico que impeça sua comunicação e desistir da pesquisa a qualquer momento.

Utilizamos nomes de flores para nos referir às participantes, respeitando assim o sigilo das identidades. As idades das mesmas variam de vinte a trinta e dois anos. Cinco participantes são mães solo, cinco convivem com o genitor das crianças, e uma convive com outro parceiro. Quanto a renda, uma possui renda fixa (servidora municipal), sete recebem o auxílio do governo federal (bolsa família) e destas últimas, três recebem também bolsa universitárias. Duas outras participantes recebem auxílios universitários, e duas não possuem renda fixa.

Para construir os dados do estudo foi utilizada a entrevista semiestruturada que segundo Fraser e Gondim (2004) consiste em um encontro para a discussão de um tópico mediadas por um roteiro flexível. As entrevistas ocorreram em uma sala reservada dentro do INC e tiveram duração média de 50 minutos e foram gravadas mediante autorização das participantes para posterior transcrição e análise.

A análise de dados se deu a partir do procedimento da Análise Temática (AT), proposta por Braun e Clarke (2006). Essa é uma forma de análise para pesquisas qualitativas que identifica, interpreta e relata padrões (os temas), oferecendo uma organização rica em detalhes (Souza, 2019). A AT é flexível e trabalha dentro de uma proposta de homogeneidade e heterogeneidade dos dados, onde a codificação é fluida. É uma abordagem mais atrevida a pesquisas sociais e com agenda de justiça social. De acordo com Braun e Clarke (2006) e Souza (2019), a AT é composta por 6 fases, a saber:

1º) Familiarização com os dados: Diz respeito à transcrição e revisão dos dados através de leituras e releituras, registrando as ideias que surgirem nesse processo. 2º) Geração de códigos: Foram destacados os dados relevantes de modo sistemático em todo o texto, reunindo estratos de dados sobre cada código. 3º) Busca de temas: Reunimos os códigos em possíveis temas, reunindo também os dados de cada código para o potencial tema. 4º) Revisão dos temas: Nesta etapa, verificamos se os potenciais temas apontavam para o objetivo da pesquisa e se estavam de acordo com banco de dados como um todo. 5º) Definir e nomear os temas: Os temas foram nomeados e refinados para dar robustez e detalhes de cada história contada. 6º) Produzir o relatório: Diz respeito à discussão dos dados (explicitada nos resultados/discussões), relacionando os temas com o problema da pesquisa, com a literatura, oferecendo exemplos do que é discutido.

A pesquisa atendeu todas as normas exigidas nas resoluções nº 466/2012 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi aprovada pelo Comitê de ética da UFAM, com o parecer nº 6.166.457, registrada sob o código CAEE: 69215323.6.0000.5020. Por fim, destacamos que este artigo é resultado de um programa de iniciação científica de caráter voluntário da UFAM, de modo que não tivemos nenhuma forma de financiamento.

3 Resultados e Discussão

3.1 Formação universitária e maternidade

Nesse tema, as participantes discutiram sobre como a maternidade interfere na formação acadêmica. Observemos:

Rosa: Em questão as vezes eu tô lá fazendo, ela vai lá interrompe: mãe eu tô com fome, mãe eu quero isso... Ai às vezes desconcentra a gente... tô fazendo trabalho, aí desconcentra, e aqui na sala também às vezes eu tô prestando atenção na aula e ela vai lá: mãe eu tô com fome, mãe eu quero ir no banheiro... e isso interfere bastante.

A partir do disposto por Rosa, podemos refletir que a maternidade, durante o processo de formação universitária, divide a atenção da mulher entre o estudar e o cuidar. Na pesquisa de Pessanha (2023), essa dificuldade foi relatada, envolvendo o cansaço devido essa dupla jornada. A universitária mãe, ao executar ao mesmo tempo essas duas demandas, tem seu processo de aprendizagem afetado em maior ou menor grau, pois dificilmente estará empenhada em alguma atividade sem estar executando simultaneamente a outra, pois a maternidade requer a performatividade de significados culturais relacionados a atribuição do criar uma criança quase que exclusivo a mulher (Aponte; Correa, 2012). A participante Orquídea continua a nos dar pistas sobre o tema:

Orquídea: [a maternidade] interfere bastante, porque muitas vezes a neném fica chorando de noite, aí eu já vou dormir quase de manhã, aí de manhã tem aula, e quando eu chego lá, eu já estou bastante cansada, e também cansaço mental e emocional que eu não tenho aguentado muito... Eu já cochilei muitas vezes durante a aula e até mesmo lá no estágio. Na escola é bem difícil, porque às vezes eu não tenho nem tempo, eu tenho que fazer almoço, cuidar da neném, dar banho, aí o mínimo que sobra de tempo que é pra mim fazer algum trabalho, eu estou muito cansada, às vezes eu durmo e quando eu vou lembrar já é outro dia...

Ser mãe por si só envolve diversas tarefas cansativas e quando vinculado a outras atividades exercidas pelas mulheres, torna-se desgastante de maneira integral, como apontado pela Orquídea. Aquino (2009) retrata que muitas acadêmicas mães não possuem companheiros ativos na divisão dos cuidados dos filhos e das tarefas domésticas, pesando essas obrigações sobre a mulher. A performatividade da maternidade é basicamente um cumprimento de regras sociais, pois o que as torna boas mães é a maneira como realizam as tarefas de acordo com o que lhes é imposto e se a mesma não segue os passos que lhes são atribuídos, são denominadas de 'mães ruins' (Donath, 2017).

Para as universitárias que são mães, o tempo é um fator determinante para o seu sucesso ou insucesso acadêmico, sendo dividido entre o dar conta da maternidade que envolve questões de cuidado e afazeres domésticos, e os prazos para cumprimento das atividades da universidade e essa sobrecarga de funções pode levar diversas mães acadêmicas a esquecerem o cuidado de si (Bitencourt, 2019). Há uma necessidade de compreender que a vida da mãe não gira em torno apenas dar conta dos filhos e que ali existe um ser possuidor de vontades próprias, com emoções e pensamentos seus, mas que são persuadidos socialmente (Donath, 2017). Essa dupla jornada também foi associada ao insucesso acadêmico, observemos:

Copo de leite: Ultimamente [ser mãe] prejudicou muito minhas notas, porque eu fiquei reprovada em algumas disciplinas e período passado, por exemplo, eu reprovei em duas, devido isso de não ter ido participar de um evento na comunidade X. O professor pediu pra gente participar, e eu não fui por causa dos meus filhos... não tinha ninguém pra ficar com os meus filhos, entendeu? Meus irmãos não quiseram ficar com meus filhos, minha mãe também se ocupou, então eu perdi, e por esse motivo eu reprovei.

Historicamente, o cuidado foi estipulado como obrigação das mulheres e não dos homens (Moura; Araújo, 2004), isso justifica, por exemplo, a negativa dos irmãos da participante no cuidado com seu filho, o que faz com que muitas mulheres se vejam sozinhas nesse processo, como observado. No que diz respeito a universidade, Soares *et al.* (2017) diz que é necessário que instituições de ensino superior adotem medidas que favoreçam o cumprimento do currículo e as exigências da maternidade, visto que o desempenho da mulher que é mãe tende a ser ligado a execução do estudar e do cuidar, o que acaba por desfavorecer os dois processos. Ser mãe estando na universidade é ter responsabilidades da área acadêmica e também no cuidar e educar respectivamente seus filhos (Saavedra *et al.*, 2022). Podemos refletir que Copo de Leite teve uma dupla negativa de direitos: por um lado, teve seu direito a suporte social negado e por outro, teve sua formação acadêmica prejudicada, o que torna sua trajetória na universidade desafiadora. Bromélia nos dá outras pistas sobre o tema:

Bromélia: É mais na parte quando eu tô em casa, que eu não consigo tá ali me concentrando inteiramente pra fazer ou escrever algo, elaborar alguma coisa ou trabalhar nos meus projetos. Eu não consigo em casa, [minha filha] faz a zoadá e ela tenta chamar atenção, quer brincar, quer assistir alguma coisa comigo e não dá. Isso interfere tirando esse tempo que eu poderia tá estudando, mas tenho que tá olhando a menina, eu tenho que dar atenção, tem as atividades dela da escola, às vezes tem uma reunião, tem que fazer algum acompanhamento, levar para o posto, pra tomar vacina, alguma coisa assim né? Tira um pouco de tempo.

A participante cita que o estar em casa com a filha interfere no seu aprendizado, sendo preciso divisão do tempo para o estudo e para a maternidade. Nesse ponto, podemos refletir sobre a questão do cuidado como um aspecto genericado pois em muitas famílias, a performatividade de gênero do homem quanto a criação dos filhos se diferencia do exercido pela mulher. Badinter (1985) retrata que a criança não consegue se desenvolver corretamente sem os cuidados maternos, e o comportamento do cuidar é socialmente estipulado como natural dela em todos os tempos. A mulher teria como obrigação estrutural os trabalhos domésticos e os cuidados com os filhos (Monteiro; Agostinho; Daniel, 2015) e esse aspecto de desigualdade faz com que homens se abstenham de várias funções, sobrecarregando mulheres com o trabalho não remunerado do lar (Amâncio, 1994).

Spindola e Santos (2003) reforçam que socialmente só se considera boa mãe aquela que consegue assumir, não somente os cuidados com os filhos, mas também os cuidados domésticos. Esses significados contribuem para que as mulheres precisem se dedicar integralmente à maternidade, pois esse seria 'o destino natural da mulher', mas esconde uma série de desigualdades socialmente produzidas, que mantêm

mulheres em posições sociais marginalizadas e a serviço de homens. Segundo Machado (2016) é um mito a noção de que a mulher já carrega no seu DNA a função da maternidade, antes, essa determinação se dá historicamente pela performatividade de gêneros, a qual foi atribuída à mulher a função materna.

3.2 Conciliação entre maternidade e universidade

Neste tema as participantes discutiram sobre conciliação entre maternidade e universidade. Observemos:

Rosa: Em questão de com quem deixar [a criança]... Às vezes o dinheiro falta também, às vezes tem que comprar material, às vezes tem que comprar as coisas pra criança... É um desafio, um grande desafio pra gente, pra dar de conta da criança e da faculdade, é responsabilidade também pra dar de conta dos trabalhos de aula e da criança.

Percebe-se através da fala da Rosa que diversos fatores circundam o conciliar a maternidade com o estudo superior, visto que as preocupações não são mais somente consigo, passam a ser com um outro. Neste sentido concorda-se com Soares *et al.* (2013) que a maternidade traz para a mulher diversas responsabilidades, como consequência ocorre um tempo menor para o cumprimento de seus estudos. Universitárias que têm filhos pequenos encontram diversos empecilhos em conciliar essas duas tarefas, algumas trancam ou desistem por não darem conta, por não se sentirem suficientes ou por estarem vivenciando a maternidade de uma forma que não foi idealizada por elas, tornando-se uma experiência aflitiva (Dias; Soares, 2019). Orquídea nos ajuda nas reflexões:

Orquídea: É muito difícil conciliar as duas coisas, porque na universidade é bastante trabalho, os professores são muito exigentes, e estar com ela nesse momento, ser mãe nesse momento tem sido muito difícil. Às vezes eu me culpo, mas às vezes eu fico bem orgulhosa de tá ainda conseguindo estudar, de tá indo quando eu posso pro estágio. Às vezes eu me sinto bastante excluída, porque às vezes alguns colegas fazem almoço, até mesmo o projeto que eu faço, eles vão jantar, vão para algum sítio e eu não posso estar lá, porque eu não tenho tempo, eu não vou porque não tenho como ir.

A participante Orquídea citou a exigência e a quantidade de trabalhos exigidos pelos professores e que o fato de ser mãe a deixa mais cansada. O relato da participante reforça o que afirma Masa (*et al.*, 2021), quando os autores afirmam que os fatores que dificultam o acesso, a permanência e o sucesso acadêmico de mães universitárias estão ligados ao tratamento ofertado muitas vezes inflexível da universidade para essas estudantes, acarretando repetições de períodos, abandono da formação, e em alguns casos abandono dos filhos e de si mesmo, pois atos de renúncias devido a carência de tempo circundam o universo dessa mulher.

Bourdieu (1975) nos faz refletir que no universo acadêmico é preciso que haja adequação das estudantes a cultura científica, e não o inverso. Dessa forma, mães acadêmicas passam por inúmeras dificuldades para se adequar a tal cultura, pois a graduação exige disponibilidade de tempo que muitas mulheres podem não ter. Isso faz com que tais pessoas precisem se esforçar muito mais para conseguir a formação desejada (Bitencourt, 2019).

Orquídea ao expor que ser mãe neste momento é difícil,

e que se sente culpada e ao mesmo tempo orgulhosa de si, expõe o quanto seus sentimentos estão ambíguos, o quanto se vivencia experiências positivas e negativas, e que sacrifícios precisam ser feitos na trajetória universitária, fato discutido por Rodrigues (*et al.*, 2022), quando os autores citam que a mulher que se torna mãe vivencia diversas mudanças que refletem vulnerabilidades em questões corporais e psicológicas, podendo sentir por anos uma dupla culpa: pela chegada do filho e também pela não realização de objetivos pessoais, que passam a ser ligados com a maternidade. Nesta mesma perspectiva, Donath (2017) explica que existem mães que vivem o amor pelo filho de forma contrária simultaneamente, quando se culpam mas não se arrependem da escolha de terem se tornado mães. Conflitos como esses trazem danos à saúde mental, observemos:

Margarida: Eu fiquei um pouco com problemas de crise de ansiedade, né? Como eu ia lidar com uma criança? Agora ela estando comigo como que eu ia participar de projetos? Como as pessoas iam ver isso? Eu ligava muito pro que o pessoal ia pensar de mim, mais hoje eu tô me adaptando, eu trouxe ela pra morar comigo, é um pouco difícil porque criança tu sabe, quando tá em sala de aula, quer conversar, quer brincar, fala alto, às vezes quer ir no banheiro, quer sair, e às vezes tira um pouco do foco da gente na apresentação de trabalho, ou na hora de prestar atenção em algum conceito de aula.

Diante da vivência da maternidade e da universidade simultaneamente, percebe-se a necessidade de processos adaptativos para que essa dualidade seja menos dolorosa. Ferreira e Assunção (2022) pautam que é preciso abordar nos contextos sociais o quanto o acolhimento das mães nos primeiros anos de vida da criança é primordial, pois para muitas essa experiência é um ato cansativo e solitário, refletindo por vezes no seu bem-estar, tornando-se um processo adoecedor, já que o que se espera da maternidade é vivenciar as expectativas criadas socialmente: a mãe dar conta de todos os cuidados exigidos pelos seus filhos de uma forma prazerosa, pois a maternidade seria um ato de amor e pouco se fala das privações e de como esse processo pode ser um fardo ocasionadas pelo cuidar, quando não existe ou são insuficientes as redes de apoio que auxiliam a mulher-mãe.

Há uma necessidade de preparo psicológico para as estudantes mães, principalmente para as que passam a viver esse processo no decorrer da graduação, como para as que os filhos estão nos primeiros anos de vida, visto que muitas vezes ocorre um conflito interno ocasionando culpas tanto no cumprimento do ser mãe, como no de ser estudante (Soares *et al.*, 2013). São necessárias ações concretas das políticas públicas que abordem o estresse e o bem-estar da população universitária que é mãe, visando assim garantias institucionais que tornem o exercício simultâneo da maternidade e escolarização superior uma experiência com menos riscos e/ou traumas (Saavedro, 2022).

É importante salientar que são diversos os motivos para o desenvolvimento de sofrimento psicológico, dentre os quais as mudanças em suas rotinas que ocorrem de forma brusca, a falta de uma rede de apoio que der o suporte necessário para a vivência dessa transição, o abandono do parceiro na divisão dos cuidados, além de toda transformação física que ocorre desde o momento da gestação e assim, manter o

mínimo de saúde mental acaba sendo um desafio para muitas mães, acentuando-se de maneira mais contundente nas quais vivenciam esse processo de forma individual (Oliveira *et al.*, 2022). Continuemos as reflexões:

Tulipa: Fica muito difícil de conciliar, porque criança pequena dá muito trabalho e no tempo que eu fiquei desvalorizada, foi no tempo que eu tive a neném, e quando eu tive ela, não consegui ganhar nenhuma bolsa da UFAM, e ficava naquilo estudar ou trabalhar, porque criança pequena gasta e sem ganho não tinha como. Então eu parei de estudar, tranquei por um ano pra poder trabalhar, pra poder dar o suporte que ela precisava por que não tinha como estudar sem trabalhar.

Aqui observamos o recorte de classe influenciando diretamente no processo maternal e de formação universitária. A participante cita que parou de estudar para trabalhar, pois necessidades básicas da filha precisavam ser supridas, fato citado por Nunes e Silva (2020) que explicam que algumas mulheres desistem de estudar por não possuírem condições financeiras de sustentar os filhos, passam a trabalhar em tempo integral não restando tempo para estudar, destacando ainda a carência ou inexistência de creches universitárias para as mães estudantes de menor poder aquisitivo. Uripia e Sampaio (2011) corroboram citando que conciliar a maternidade e a vida acadêmica é um desafio visto que são insuficientes os meios disponibilizados para a permanência dessas estudantes, destacando dificuldades financeiras, indisponibilidade de redes de apoio e de programas assistenciais por parte das instituições, levando a truncamentos pela necessidade de ter que buscar meios que possam subsidiar a criação e o cuidado de seus filhos.

Badinter (1985) explica que os filhos constituem para as mães uma obrigatoriedade de buscar por trabalho para proporcionar o bem estar e a melhor forma de viver e assim. mães sacrificam seus sonhos, abrem mãos de suas metas de vida, o que fica evidenciado na fala da participante Tulipa quando diz que parou de estudar para dar o suporte a qual a filha precisava, visto que a mesma não tem suporte do genitor da criança (mãe solo). Costa (*et al.*, 2023) cita que as dificuldades financeiras tornam a vida da mãe acadêmica mais difícil, pois sem ou com pouco apoio financeiro, essas precisam trabalhar para manter os filhos, o que acaba sendo uma sobrecarga a mais.

3.3 Auto percepção das mulheres

Neste tema abordaremos como essas mulheres se percebem no cumprimento da maternidade enquanto estudantes universitárias.

Orquídea: Eu me enxergo bastante culpada, culpa de não poder tá fazendo... estudando pra ter um futuro pra ela... de não tá conseguindo às vezes, eu não sei se é porque eu faço as coisas erradas ainda, ainda não me acostumei, ainda não consegui conciliar as duas coisas.

Pelo do relato de sua autopercepção, Orquídea demonstra a culpabilização que se reflete com a chegada da maternidade. Quando a participante cita 'de não poder tá fazendo, de não conseguir, de fazer as coisas erradas', isso reflete as cobranças destinadas às mães do que deve e de como deve ser feito. Donath, (2017) retrata que a maternidade oprime e limita a

mulher, pois dela depende um novo ser, e este à possibilitará vivenciar diversos sentimentos, a alegria e a tristeza, o amor e a raiva, o orgulho e a vergonha, mas a essa mulher mãe não é cabível o arrependimento, para que não haja uma ruptura da serenidade e passividade empregada a figura materna.

A maternidade acarreta responsabilidades, cuidados e culpa, que se mostram diferentes em cada contexto que esta mãe está inserida. Se essa mãe não performatiza o esperado, a ela cabem rótulos que a diminuem e desencadeiam sentimento de culpa por não estar conseguindo fazer o que é esperado ao modelo de mãe que é repassado socialmente. Essa culpabilização acarreta sentimento de fracasso, de insuficiência e de insegurança (Mestre; Souza, 2021).

Vivenciar a maternidade é experimentar sentimentos contrários dos estipulados mas não se fala que ser mãe também é doloroso, mas esses sentimentos não podem ser enxergados como falhas, pois a maternidade nunca será exercida com o que se é estipulado (Gori; Mello; Carneiro, 2021). Quando a maternidade passa a ser exercida é que a mulher vai entender que a realidade é diferente de tudo aquilo que é idealizado, que falhas, arrependimentos, angústias e medos também fazem parte do processo do matinar, e que ela não precisa corresponder às expectativas sociais romantizadas do que é ser mãe (Pesce; Lopes, 2020). Cravo continua as reflexões com uma outra autopercepção:

Cravo: É eu me vejo assim muito batalhadora, às vezes tem situações com meu marido, várias situações que acontecem entre o casal, várias coisas que magoam e tem que ser tipo ninja né? Ser dois em um, quatro em um, porque além de ser estudante, sou mãe, dona de casa, esposa, enfim, tenho outros afazeres, outras responsabilidades.

A partir de um olhar desatento, as falas das participantes podem apontar um certo componente moral que as tornariam “mulheres de valor”, mas tal fato esconde uma série de desigualdades socialmente produzidas que culminam no mito da mulher guerreira que dá conta de tudo. A fala de Cravo sugere o quanto a performatividade de gênero é responsável pela sobrecarga de trabalho não remunerado para mulheres, em que esta precisa cuidar do seu filho, da casa e de seu marido, acentuando de sobremaneira as iniquidades de gênero, visto que nesse contexto ao homem não caberia nenhum serviço doméstico ou de cuidado (Gabrielli *et al.*, 2022). Continuemos as reflexões:

Flor de Lóris: Mesmo com todo esse perrengue eu tô dando conta, não da melhor forma, mas eu tô. Eu não me achava capaz de dar conta no começo, eu achava que eu não ia dar conta, mais assim, às vezes eu reflito muito sobre isso: nossa, olha onde eu cheguei, eu não tive ajuda, [...], porque quando eu engravidei eu pensei não vou dar conta... Eu posso não dar conta da faculdade, mas dele eu dou. Eu posso não ser a melhor mãe, mas eu tento.

Percebemos uma vivência conflituosa na conciliação da maternidade com a universidade, pois sobre a mulher circunda a expectativa de dar conta de tudo, que sempre ela vai dar um jeito, o que acaba gerando um sentimento de culpa e até de impotência quando não conseguem atingir o que lhes é imposto nas duas atividades, ou quando fazem a opção de colocar uma delas como prioridade (Bitencourt; Andrade, 2022). É importante salientar que o dar conta da maternidade

e da universidade circunda o universo das estudantes, visto que ao mesmo tempo que ela tem que dar conta da criança, tarefa que exige muita atenção e tempo, ela também é cobrada quanto ao desenvolvimento de suas atividades acadêmicas, em algum momento durante a divisão da maternidade e da universidade vai haver escolhas do que é mais necessário, o cuidar do filho ou o desenvolver com o mínimo de eficiência seu processo de graduação (Prates; Goncalves, 2019). A fala de Flor de Lóris ainda aponta para a sua prioridade: o filho, o que corrobora com a performatividade da maternidade, que estipula que o filho seja o centro da vida da mãe.

3.4 Redes de apoio externas para a mãe universitária

Esse tema trouxe algumas pistas sobre as redes de apoio que mulheres que são mães e universitárias possuem ou não. Observemos:

Lírios: Tem a minha avó, a minha tia, tem minhas duas tias na verdade que cuidam dele, é mais quando eu preciso fazer a residência pedagógica, que eu tenho que tá na escola obrigatoriamente duas vezes na semana, quando vem apresentar o trabalho às vezes eu não trago ele... quando tem muita dinâmica, então elas me ajudam quando eu preciso, sempre me ajudam, se caso eu não tivesse essa rede de apoio, eu não estaria fazendo os projetos que eu faço, eu já pensei que ficaria mais difícil, eu agradeço a eles por serem pessoas compreensivas.

Percebe-se, diante da fala da participante, a importância de uma rede de apoio acolhedora para as mães, e se tratando de uma estudante, esse apoio contribui para o seu sucesso e a permanência nas universidades. Costa *et al.* (2023) abordam que a maternidade é um fenômeno socioafetivo, que estudantes que são ou que se tornam mães durante seu percurso universitário necessitam de um apoio familiar ou institucional, para que não tenham seu processo de graduação comprometidos

A fala da Lírios remete o que foi abordado por Pereira e Leitão (2020) que a mulher precisa de apoio para que se construa como mãe, apoio este que deve ser minimamente constituído pelo pai, pela família, sociedade e ambientes que a mesma esteja inserida, permitindo o acolhimento e a segurança para o exercício da maternidade. As redes de apoio acolhedoras permitem que as mães graduandas tenham um acesso mais eficaz e eficiente no prosseguir o estudo superior, pois ter um auxílio nos cuidados permite: maior disponibilidade de tempo e tranquilidade por estar desenvolvendo suas atividades na universidade com menos preocupação em relação ao filho (Costa *et al.*, 2023).

Vale ressaltar que as participantes, em maioria, não colocaram o genitor das crianças como constituintes de suas redes de apoio, e que estas redes em maioria se constituem por outras mulheres. O cuidar está intrinsecamente ligado a performatividade de feminilidade, e mesmo que hoje a figura masculina relacionada aos cuidados venha ganhando ênfase, ainda se sustenta o que foi produzido em outros séculos, que a estes cabe a tarefa de prover o lar, de não serem afetuosos e de não serem figuras significativamente importantes no desenvolvimento de seus filhos (Bernardi, 2017).

Miranda, Timo e Belo (2019) atribuem o conceito de mulher ao termo cuidar, e historicamente até os dias atuais

essa conceituação continua sendo difundida. Zanello (2018) corrobora no mesmo sentido, explicando que desde meados do século XVIII, quando a criança começou a ser percebida como um ser único e que precisava de cuidados para sobreviver, essa tarefa foi pautada em ações consideradas femininas, concebendo um reconhecimento social e a valorização da mulher, ela passou a existir socialmente em função do cuidar de outros. Copo de leite também explicita outro aspecto da rede de apoio:

Copo de leite: Em relação ao apoio que eu tenho pra estar aqui na UFAM, é complicado porque a maioria das vezes meus filhos ficam com meus irmãos, mas quando eles não estão, minha mãe cuida, mas aí que vem o jogar na cara. Ela joga muito na minha cara eu ter engravidado da segunda gestação, dizendo assim: 'se tu tivesse só uma filha ia ser mais fácil'. Aí às vezes não tem como falar muita coisa, o que eu guardo é só um ressentimento dentro de mim.

A participante copo de leite traz em sua resposta que as redes de apoio que a auxiliam com o cuidado dos filhos muitas vezes são instáveis, visto que o cuidado acontece, mas a sobrecarga emocional oriunda de reclamações por estar disponibilizando esse cuidado gera diversos ressentimentos. Um dos obstáculos que a maioria das mães acadêmicas enfrentam é a indisponibilidade de alguém a qual possa dividir os cuidados com os filhos, interferindo no seu tempo de estudo (Nunes; Silva, 2020). A fala da participante revela também que o processo de vivenciar a maternidade durante seu processo de formação universitária é complexo, fato evidenciado por Santos *et al.* (2021) quando pauta que a mãe acadêmica que não tem suporte emocional, familiar, social, institucional vive essas duas tarefas de forma perturbadora: ser mãe e universitária acaba por tornar-se uma dupla condição onde o êxito que se espera não é alcançado, ocasionando em muitas delas sentimentos conflituosos.

Ainda, percebeu-se diante das falas obtidas dentre as participantes a escassez do cuidado pela figura paterna, visto que poucas fizeram referência ao papel exercido com o cuidar, o que nos faz refletir o quanto socialmente somos impelidos a normalizar essa ausência. Conforme Mestre e Souza (2021), a maternidade sempre foi competência feminina, influenciado pelo domínio da hierarquia masculina sobre a mulher, partindo destes pressupostos oriundos de regras sociais que impregnaram a mulher o dever de cuidar da família. Tradicionalmente e seguindo o modelo patriarcal os meninos são desde muito cedo influenciados a não desenvolverem funções de cuidado, mesmo que atualmente esse processo da divisão das tarefas domésticas e parentais lentamente ganham novas roupagens, as desigualdades culturais referentes às atribuições femininas continuam a ser difundidas (Silva; Macedo, 2019).

As regras sociais destinam a mulher o exercer da maternidade da forma que lhes é atribuída, quando ocorre um abandono materno, a mulher é condenada por meio de taxações como 'mães desnaturadas', mas ao homem é totalmente aceitável que exerça a função paterna de cuidado 'de vez em quando' por insistência da mãe ou determinação da justiça, cabendo-lhe ainda o não exercício paterno de maneira naturalizada, e a ele não se atribuem nenhuma forma de condenação (Oliveira *et al.*, 2022).

4 Conclusão

O objetivo deste trabalho foi compreender os desafios da trajetória acadêmica de mulheres mães estudantes de uma instituição de ensino superior no interior do Amazonas. Entrevistamos 11 mulheres-mães-acadêmicas do ensino superior e os dados possibilitaram a construção de quatro temas, sendo: 1) Formação universitária e maternidade; 2) Conciliação entre maternidade e universidade; 3) Autopercepção das mulheres; 4) Redes de apoio externas para a mãe universitária.

Observamos que o processo da maternidade é construído a partir de performatividades de gênero que influenciam no comportamento, nas atitudes, e nos sentimentos das mulheres, e que estes últimos podem se constituir de maneira contraditórias na mesma mulher, pois ao mesmo tempo que vivenciam momentos de felicidade que precisam ser expostos, as mulheres vivenciam também sentimentos de arrependimento, medo e culpa, os quais precisam ser silenciados, pois expor as dificuldades ou mesmo traumas em exercer a maternidade culmina em julgamentos que difundirão a concepção errônea de incapacidade, desumanidade e desamor da mulher-mãe, visto que não é cabível socialmente deparar-se com uma mãe que se sente triste por estar sendo mãe, pois o sentimento que precisa ser transmitido é o de alegria e realização por exercer a função materna.

Ao tornar-se mãe a mulher passa a ter uma limitação de tempo maior: se antes algumas funções já eram atribuídas a estas simplesmente por serem mulheres, com a chegada dos filhos as responsabilidades de cuidar limitam ainda mais suas vidas. Quando a mulher faz a opção de cursar o nível superior vivenciando a maternidade, esta passa por diversos dilemas, dentre os quais podemos destacar as cobranças em dar conta com eficiência dos cuidados maternos e da sua vida acadêmica, fato este que não é uma tarefa impossível desde que tenham redes de apoio que lhes propicie meios para o caminhar neste percurso. Ter uma rede de apoio dentro ou fora das instituições de ensino é fundamental para que estas acadêmicas mães sejam menos sobrecarregadas. A carência de suporte quanto aos cuidados do(s) filho(s) interfere na vida acadêmica e pessoal e viver essa dualidade é ter que fazer escolhas em algum momento sobre qual função requer mais dedicação e que dessa escolha podem resultar arrependimentos e diversos outros sentimentos.

Vivenciar a maternidade e a universidade requer um esforço muito grande, esforço esse que muitas vezes é invisibilizado e não levado em consideração no momento das avaliações nas instituições. As participantes relataram que é preciso desdobrar-se para dar conta de todas as atividades impostas, visto que diversos dilemas foram apontados como barreiras para continuar os estudos, estes apoiados em grande parte no papel que historicamente foi atribuído à mulher e até os dias atuais continuam sendo difundidos, como por exemplo questões como: se ela é mãe, é ela que tem que cuidar pois a responsabilidade de ter se tornado mãe foi exclusivamente dela e que sua prioridade tem que ser o(a) filho(a).

A ineficiência ou inexistência de redes de apoio familiar e da instituição dificulta muito o processo de formação destas universitárias, pois as que não tem com quem deixar os filhos

precisam trazê-los junto para a universidade, e a mesma não oferta condições apropriadas para receber essas crianças que ficam na sala de aula com as mães dividindo sua atenção. Ao ouvir estas mulheres, suas concepções, seus anseios, suas culpas e até mesmo sentimento de inexistência diante da realidade universitária, intentamos contribuir para a reflexão do quão necessário é o acolhimento para que estas mulheres possam se constituir como mães e acadêmicas de uma forma menos conflituosa.

Por fim, como limitações do estudo, a pesquisa não se debruçou sobre a experiência racializada da maternidade, nem sobre como essas mulheres percebem o apoio do genitor de seus filhos na empreitada da formação acadêmica, de forma que esses atravessamentos serão discutidos em um outro estudo fruto deste projeto.

Referências

- AMÂNCIO, L. *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Afrontamento, 1994.
- APONTE, M. R.; CORREA, D. R. V. Calidad de vida de madres adolescentes estudiantes universitarias. *Rev. Colomb. Psiquiatr.*, v. 41, n. 3, p. 536-549.2012.
- AQUINO, E. M. Gênero e Ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca de equidade. In: HEILBORN, M. L. *et al. Sexualidade, reprodução e saúde*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 57-72.
- ARANHA, M. L. A. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARRETO, P. C. S. Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior. *Rev. Bras. Ciênc. Pol.*, v. 16, p. 39-64, 2015.
- BARROS, S. V. C.; MOURÃO, L. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicol. Soc.*, v. 30, p. e174090, 2018. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i174090>.
- BERNARDI, D. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. *Psic. Rev.* v. 26, n. 1, p. 59-80, 2017. doi: <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2017v26i1p.59-80>.
- BITENCOURT, S. M. Maternidade e universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. *Rev. Estud. Soc.*, v. 24, n. 47, p. 261-281, 2019. doi: <https://doi.org/10.52780/res.11407>.
- BITENCOURT, S. M.; ANDRADE, C. B. Dois pesos e duas medidas? Maternidade e vida acadêmica de doutorandas de uma universidade pública. *Debate Feminista*, v. 64, p. 32-55, 2022. doi: <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2022.64.2353>.
- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. *A dimensão da subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.
- BOURDIEU, P. The specificity of the scientific field and the social conditions of the progress of reason. *Soc. Sci. Inform.*, v. 14, n. 6, p. 19-47, 1975. doi: <https://doi.org/10.1177/053901847501400602>.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualit. Res. Psychol.*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. doi: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- BRITO, Q. H. F. *et al.* Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina. *Rev. Bras. Educ. Méd.*, v. 45, n. 4, p. e233, 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.4-20210309>
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABEZAS, I. L.; MARTINEZ, M. J. I.; SANZ, A. A. Conciliación Estudiantil-familiar: Un estudio cualitativo sobre las limitaciones que afectan a las madres universitarias. *Rev. ARBOR*, v. 192, n. 780, 2016: doi: <http://dx.doi.org/10.3989/arbor.2016.780n401>.
- COSTA, J. L. S. *et al.* Desafios da maternidade no período acadêmico: revisão integrativa. *Refacs*, v. 11, n. 1, p. e6226, 2023. doi: <https://doi.org/10.18554/refacs.v11i1.6226>.
- COSTA, J. L. S. *et al.* Desafios da maternidade no período acadêmico: revisão integrativa. *Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.*, v. 11, n. 1, p. e6226, 2023. doi: <https://doi.org/10.18554/refacs.v11i1.6226>.
- DIAS, M.J.S.; SOARES, B.V.P. Assistência estudantil x creches nas universidades públicas: desafios para mães-estudantes. *Rev. Educ. Emanc.*, v. 12, n. 2, p. 50-74, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.18764/2358-4319.v12n2p50-74>.
- DONATH, O. *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FARBER, S. G.; VERDINELLI, A.; RAMEZANALI, M. A universidade está contribuindo para a igualdade de gênero? Um olhar sobre a percepção dos docentes de pós-graduação. *GUAL*, v. 5, n. 4, p. 116-140, 2012. doi: <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2012v5n4p116>.
- FERREIRA, J. C. G.; ASSUNÇÃO, M. M. S. Narrativas maternas. *Rev. Grad. Psicol. PUC Minas*. v. 7, n. 13, p. 232-256, 2022.
- FRASER, M. T. D; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, v. 28, n. 14, p. 139-152. 2004. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>.
- GABRIELLI, C. P. *et al.* Mães na universidade: a experiência do gestar - maternidade e ciência. *Rev. IFC*, v. 10, n. 18, p. 59-75, 2022. doi: <https://doi.org/10.21166/rext.v9i18.2846>.
- GORIN, M. C.; MELLO, R. M.; CARNEIRO, T. F. A culpa é sempre da mãe? Um olhar sobre a maternidade através da clínica com crianças. *Estilos Clín.*, v. 26, n. 3, p. 520-535, 2021. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i3p520-535>.
- MACHADO, B. F. Estudos de masculinidades: a crise masculina, a masculinidade hegemônica e a paternidade

em Onde estão os ovos? de Fabrício Carpinejar. Mosaico, v. 7, n. 11, p.49-63, 2016. doi: <https://doi.org/10.12660/rm.v7n11.2016.64777>.

MASA, R. *et al.* Acceso, permanencia y titulación de estudiantes madres y la educación inclusiva. *Rev. Cienc. Soc.*, v. 27, p. 28-39, 2021. doi: <https://doi.org/10.31876/rsc.v27i.36486>.

MENESES, M. M.; RESENDE, R. E.; GONÇALVES, B. D. Estereótipos de gênero e dominação masculina na vivência universitária. *Pretextos*, v. 7, n. 13, p. 177-200, 2022.

MESTRE, S. O.; SOUZA, E. R. “Maternidade guerreira”: responsabilização, cuidado e culpa das mães de jovens encarcerados. *Rev. Est. Fem.*, v. 29, n. 2, p. 1-15, 2021. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n270109>.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev. Pesq. Qualit.*, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MIRANDA, J. J.; TIMO, A. L. R.; BELO, F. R. R. Crítica a teoria da maternidade em Winnicott: é preciso ser mulher para cuidar de crianças. *Rev. Psicol. Ciênc. Prof.*, v. 39, p. 1-14, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003176863>.

MONTEIRO, R.; AGOSTINHO, L.; DANIEL, F. Um diagnóstico da desigualdade de gênero num município em Portugal: estruturas e representações. *Rev. Adm. Pública*, n. 49, v. 2, p. 423-446, 2015. <https://doi.org/10.1590/0034-7612130497>.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicol. Ciênc. Prof.*, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>.

NUNES, C; SILVA, L. M. N. Acesso e permanência na educação superior x exercício da maternagem: entre trajetórias, representações e exigibilidade de políticas estudantis. *Direito UnB*, v.4, n.1, p.41-79, 2020.

OLIVEIRA, Y. V. *et al.* Feminismo, maternidade e saúde mental das mulheres: compreensões a partir da realidade social. *Rev. Foco*, v. 15, n. 7, p. 1-9, 2022.

PEREIRA, V. B.; LEITAO, H. A. Sobrecarga e rede de apoio: a experiência da maternidade depois da separação conjugal. *Pesq. Prát. Psico.*, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2020.

PESCE, L. R.; LOPES, R. C. S. O lado b da maternidade: um estudo qualitativo a partir de blogs. *Estud. Pesq. Psicol.*, v. 20, n. 1, p. 205-230, 2020. doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50825>.

PESSANHA, L. F. Entre livros e fraldas: dilemas e desafios da maternidade durante a graduação. *Rev. Gestão Secret.*, v. 14, n. 1, p. 306-331, 2023. doi: <https://doi.org/10.7769/gesec.v14i1.1515>.

PICCININI, C. A. *et al.* Gestação e a constituição da

maternidade. *Psicol. Est.*, v. 13, n. 1, p. 63-72, 2008. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100008>.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Rev. Soc. Pol.*, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>.

PRATES, S. R.; GONÇALVES, J. P. Educação Superior e relações de gênero: atividades domiciliares para mães estudantes de Pedagogia. *Rev. Inter. Educ. Sup.*, v. 5, 2019. doi: <https://doi.org/10.20396/riesup.v5i0.8653753>.

RODRIGUES, L. N. *et al.* Acolhimento e desafios no retorno ao trabalho, após a licenç a-maternidade em uma instituição de ensino. *Rev. Enferm. UFSM*, v. 12, p. e44, 2022. doi: <https://doi.org/10.5902/2179769268966>

SAAVEDRO, D. P. *et al.* Estudiar em la Universidad y tener hijos e hijas: desafios de la adultez emergente. *Psicoperspectivas Individuo Soc.*, v. 21, n. 2, p. 1-12 2022. doi: <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol21-issue1-fulltext-2295>.

SANTOS, S. S. *et al.* A construção da paternidade ao nascimento do filho a termo e saudável. *Rev. Fam. Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.*, v. 9, p. 767-778, 2021. doi: <https://doi.org/10.18554/refacs.v9i0.4943>.

SILVA, N. D. B.; MACEDO, J. P. S. Novas vozes no cuidado: uma revisão sistemática sobre a produção científica no campo de discussão entre masculinidade e cuidado. *Rev. FSA.*, v. 16, n. 2, p. 318-339, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.2.17>.

SILVA, I.A; UTIYAMA, S. K. Situação de amamentação entre mulheres trabalhadoras e alunas de graduação e p s-graduação de uma universidade pública. *Acta Sci. Health Sci.*, v. 25, n. 2, p. 215-225, 2003. doi: <https://doi.org/10.4025/actascihealthsci.v25i2.2237>.

SOARES, M. C. S. *et al.* Expectativas e desafios de mulheres acadêmicas de enfermagem que engravidaram durante a graduação. *Rev. Univ. Vale do Rio Verde*, v. 11, n. 1, p. 145-155, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.5892/950>.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arq. Bras. Psicol.*, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Mulher e trabalho: a história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem. *Rev. LatinoAm. Enferm.*, v. 11, n. 5, p. 593-600, 2003. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692003000500005>.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, S. M. R. *Observatório da vida estudantil*: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 145-168.

ZANELLO, V. *Saúde mental, Gênero e Dispositivos*: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.